Um lugar sem esperanças

Um lugar sem esperanças

Nasci em um lugar pobre. *Pobre, pobre, pobre de marré-de-ci*. Um lugar onde a esperança era coisa rara. Parece que ali, ao nascer, cada criança já recebia um selo na testa: você é pobre, muito pobre, pobre mesmo.

Quando saía da minha casa, encontrava uma rua sem calçamento, esgoto correndo a céu aberto e casas muito humildes.

Nosso lazer era limitado, quase nulo. Sem falar nas coisas feias e ruins que estavam por todos os lados. Para qualquer lugar que fôssemos ou olhássemos, só enxergávamos a pobreza. Parecia que precisava me lembrar, o tempo todo, de que lugares bonitos só existiam na televisão, e que as coisas boas só aconteciam com os outros. Aqueles que tinham nascido fora dali.

Minha rotina se resumia a ir para a escola, ficar em casa e sair para brincar na rua. Nossa! Como eu gostava de ficar na rua. Mesmo com tudo feio ao redor eu achava a rua diversão pura. Ela representava muitos perigos, eu sei, mas minha mente viajava.

Na frente de casa tinha um valão, mas eu olhava para ele e via uma praia. O cheiro me fazia voltar à realidade rapidamente, mas eu não perdia a oportunidade.

O momento mais especial era quando nos juntávamos em frente ao portão da minha casa para contar histórias. Todos, juntos, saíamos dali.

Era como se virássemos os meninos e meninas dos livros que eu gostava de ler. Não havia sons medonhos, não havia medo, dor, só alegria. Era como se pudéssemos ter esperança. Não era como na TV, onde éramos excluídos. Ali, nas histórias, nós fazíamos parte. Não tinha uma pessoa vivendo por nós.

Achava muito triste quando via coisas lindas na televisão e, quando a desligava, ia para minha cama de solteiro, que dividia com minha mãe. Aliás, esse livro é sobre ela, é sobre como ela me ensinou a sonhar, mesmo quando não havia motivo nenhum para isso.

Nós duas, minha mãe e eu, vivíamos em um lugar sem esperança.